

PRODUÇÃO E REVISÃO TEXTUAL NAS SÉRIES INICIAIS

Graziella Gomes Rodrigues¹ (SEMED)
Maria Laura Cunha Vieira Arruda² (SEMED)
Kátia Cilene Camargo Silva³ (SEMED)

Resumo

A produção de textos em sala de aula ganhou papel relevante quando se trocou a redação, por produção de textos no ambiente escolar. Outro fator em evidência é que durante muito tempo o ensino da produção textual esteve centrado no ensino de erros ortográficos e gramaticais, sendo que, os alunos nas series iniciais estão no processo da aquisição da leitura e da escrita. Objetiva-se nessa pesquisa destacar a importância do letramento para quem sabe ler e escrever; mostrar o quanto a leitura é importante no processo de produção textual; identificar quais as etapas da produção textual; saber se o aluno ao fazer a revisão de texto consegue comunicar bem suas ideias e se ajuste ao gênero. A metodologia utilizada foi estudo de caso e revisão bibliográfica para se chegar aos objetivos dessa pesquisa.

Palavras-chave: Produção de Texto, Revisão, Leitura, Escrita

Abstract

Producing texts in class turned to an important function when it changed to writing texts to make essays that reflect the school daily life. Another important change is that for a long time, teaching to write was focused in the grammar and spelling mistakes, even thou, the primary students are in the reading and writing acquisition process. In this research the main goal is to show the literacy importance to whom that know how to read and write, show how much the reading is important to writing process and to identify the process to build an essay. To know if the students are able to review their texts and they can express their ideas and writing type. The method used to make this research was a case study and bibliographic review.

Key words: writing, review, reading, literacy.

¹ Pós-graduada em Psicopedagogia e em Métodos e Técnicas de Ensino, Pedagoga e Cursista do Práticas de Letramento e Processo de Alfabetização. grazyella_23@hotmail.com

² Pós-graduada em Administração Educacional, Pedagoga e Cursista do Práticas de Letramento e Processo de Alfabetização. lauracvarruda@gmail.com

³ Mestre em Gestão do Patrimônio Cultural, Pedagoga e professora do Práticas de Letramento e Processo de Alfabetização.

1 Introdução

A produção textual quanto a revisão no 1º e 2º ano parecia um tabu, quanto a questão do processo de alfabetização e letramento, nesse período os alunos não caminham no mesmo nível de leitura e escrita. Esse tema traz muitas reflexões sobre o que acontece quando a criança está escrevendo e lendo ao mesmo tempo, adquirindo o processo de decodificação da linguagem.

O presente artigo pretende analisar a produção e revisão textual nas séries iniciais do Ensino Fundamental, pois a produção de textos em sala de aula ganhou papel relevante quando se trocou a redação, produção realizada pelo aluno (normalmente com tema proposto pelo professor), por produção de textos no ambiente escolar. Essa troca, ganha considerável importância visto a necessidade de tornar o aluno leitor-produtor. Outro fator em destaque é que durante muito tempo o ensino da produção textual esteve centrado na instrução de erros ortográficos e gramaticais e os textos produzidos pelos alunos era o resultado da assimilação e aplicação do conteúdo gramatical e ortográfico aprendido em sala de aula.

Sendo assim, a produção textual é de fundamental importância, pois para escrever bem é necessário conhecer vários gêneros textuais, como comentário, notícia, bilhete, artigo e para escrever um bom texto é indispensável, estar informado sobre o que esta acontecendo no mundo, principalmente através da leitura que traz informações necessárias para ter um texto completo e para desenvolver comportamentos escritores, onde o processo de revisão está incluso. E é no desenvolvimento da produção textual que o escritor revisa seu texto continuamente, relendo e modificando o mesmo quando necessário.

Os objetivos dessa pesquisa são destacar a importância do letramento para quem sabe ler e escrever; mostrar o quanto a leitura é importante no processo de produção textual; identificar quais as etapas da produção textual; saber se o aluno ao fazer a revisão de texto consegue comunicar bem suas ideias e se ajuste ao gênero.

A escolha do tema tem como razão fundamental acreditar que é necessário que a aprendizagem da leitura, escrita de textos melhorados através da revisão poderá colaborar com todo o processo educacional que o educando possa percorrer durante a vida toda.

Desta forma destaca-se a concepção psicogenética, deslocando o eixo de compreensão e interpretação do processo pela qual a criança aprende a ler e a escrever.

A mesma trouxe uma rigorosa crítica à importância que vinha sendo atribuída ao processo de alfabetização a ruptura de padrão:

... a concepção psicogenética alterou profundamente a concepção do processo de aquisição da língua escrita, em aspectos fundamentais: a criança, de aprendiz dependente de estímulos externos para produzir respostas que, reforçadas, conduziram à aquisição da língua escrita – concepção básica dos métodos tradicionais de alfabetização – passa a sujeito ativo capaz de construir o conhecimento da língua escrita, interagindo com esse objeto de conhecimento; os chamados pré-requisitos para a aprendizagem da escrita, que caracterizariam a criança “pronta” ou “madura” para ser alfabetizada – pressuposto dos métodos tradicionais de alfabetização – são negados por uma visão interacionista que rejeita uma ordem hierárquica de habilidades, afirmando que a aprendizagem se dá por uma progressiva construção de estruturas cognitivas, na relação da criança com objeto “língua escrita”; As dificuldades da criança, no processo de aprendizagem da língua escrita – consideradas “deficiências” ou “disfunções”, na perspectiva dos métodos tradicionais – passam a ser vistos como “erros construtivos”, resultado de constantes reestruturações, no processo de construção do conhecimento da língua. (SOARES, 2004, p.89)

Os procedimentos metodológicos para obtenção de dados foram realizados através de pesquisas para colher as informações contidas em livros, revistas, artigos e endereços eletrônicos para os dados bibliográficos. Em seguida, foi utilizada uma pesquisa de estudo de caso em uma escola da Rede Municipal de Anápolis, para coleta de dados através de aulas ministradas sobre produção e revisão textual. Essa pesquisa tem o objetivo de confrontar a teoria com a prática em relação ao tema em estudo.

2 Leitura

De acordo com Kato (2002, p 61), para os estruturalistas⁴ a “leitura é a decodificação sonora da palavra” e o leitor “é um antecipador da palavra que vai ler”. Os gerativistas⁵ afirmam que a leitura “é um ato de construção, em que os dados lingüísticos são apenas um fator que contribui para o significado lingüístico”. E a pragmática ressalta que o autor “está presente na consciência do leitor, este, o leitor, interage com o texto, procura interpretar os objetivos e propósitos do escritor”.

⁴ **Estruturalismo:** diz respeito a um conjunto de teorias lingüísticas surgidas na primeira metade do século XX. Estabeleceu as bases teóricas da ciência da linguagem, descrevendo seu funcionamento. O estruturalismo, como método considera a noção de transmissão de conhecimento de estímulo a resposta de condicionamento para a aprendizagem.

⁵ **Gerativismo:** teoria lingüística criada pelo americano Noam Chomsky. Essa teoria explicou a capacidade inata do ser humano de aprender línguas e a criatividade do falante.

Tentando chegar ao significado de uma unidade a partir de um todo estamos utilizando o processo analítico. Nele é necessária a obtenção de um significado parcial e, a partir daí, formular hipóteses e tentar confirmá-las. “Essa adivinhação do significado fez com que Goodman (1967, p. 126 - p. 135) definisse a leitura como um jogo psicolinguístico de adivinhação”. Porém, não se deve acreditar que a leitura eficiente dependa desse tipo de mecanismo, já que o mau leitor faz uso excessivo de estratégias sintéticas e de inferências não autorizadas pelo texto.

2.1 Modelos de leitura e processos metacognitivos

Gough (1972, p. 348), descreve os passos que o leitor obedece para a realização da leitura, demonstra sua visão linear e indutiva: transformação do estímulo visual em uma imagem: identificação letra por letra, da esquerda para a direita e armazenamento em um registro de caracteres; interpretação das letras em fonemas, armazenada como em uma fita a espera da busca lexical; depósito de itens lexicais na memória, através de um operador sintático chamado de “merlin”; e aplicação de regras fonológicas por um “editor” que interpreta a sentença e a transforma em um enunciado fonético.

No processo de leitura, o professor deve seguir alguns procedimentos gerais para ensinar a ler que são indispensáveis.

Primeiramente, ele deve antecipar o conteúdo, induzindo as crianças a olhar as ilustrações, a extensão, a tipografia, etc., informações estas, que podem servir para representar o conteúdo que lerão, fazendo com que a criança tenha um esforço mental ativo.

Outro procedimento interessante é a leitura interativa, pois ao ler, o texto vai revelando se pouco a pouco. Isso faz com que o ser humano pense, avalie, critique, formule perguntas, sinta emoções, pule parágrafos, etc. Sendo assim, o professor que faz interrupções nos momentos adequados, induz o aluno a uma compreensão básica para continuar tendo interesse na leitura. Curto, 2000, pg. 175, ressalta que enquanto se lê, se constrói significados, se aprende, se pensa.

Para isso a recapitulação da leitura, ou seja, recapitular o que leu, faz com que o aluno elabore uma representação global do texto como resultado do que foi lido e do que se compreendeu.

E por fim, para ampliar a leitura, o professor deve formular perguntas que estimulem a reflexão e a aprendizagem para melhorar a compreensão.

A leitura é o próprio ato de ver, na sua concretude ou representado por meio da escrita, do som, da arte, dos cheiros. A leitura é uma experiência cotidiana e pessoal representativa para cada pessoa. A leitura é única, incapaz de ser a do outro. A convergência total neste ponto inexistente, e é aí que se encontra o grande encanto da leitura, recheada de tantos outros, mas tão única para um só.

3 Letramento

O fato de aprender uma língua ultrapassa a simples decodificação das letras e abarcar a complexidade das práticas sociais existentes em nossa sociedade, para tanto é necessário recorrer ao conceito de Letramento para compreender melhor este processo.

Segundo Soares (1998) a palavra letramento é uma tradução para o português da palavra inglesa Literacy “condição de ser letrado”, ou literate, que é o adjetivo que caracteriza a pessoa que domina a leitura e a escrita. Assim, letramento é o estado ou condição de quem sabe ler e escrever, isto é, o estado ou a condição de quem responde adequadamente às intensas demandas sociais pelo uso amplo e diferenciado da leitura e da escrita.

Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos, habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever, atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar para ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor. (SOARES, 2004: 92).

A identificação das letras, a construção dos significados, o agrupamento das palavras, a coesão e coerência textual, tudo isso poderia traduzir o processo de letramento, ou seja, de desenvolvimento da leitura e da escrita dos estudantes. Para Smith (1999, p. 113), a ideia de aprender a ler é, de alguma forma, diferente de ler e, perigosa para aqueles que enfrentam dificuldades no letramento. Na maioria dos casos, o aprendiz que está “aprendendo a ler” pode interpretar o processo como se houvesse

um dia mágico em sua vida em que eles se tornassem alfabetizado. Como se houvesse algum tipo de magia que nos tornássemos leitores e que antes disso não possuíssemos essa capacidade.

Durante o processo de letramento, os novos professores devem ser preparados nas escolas de educação, segundo Smith (1999, p. 138), para que dependam dos programas, seja porque não conhecem uma maneira melhor de ensinar, porque as escolas querem um determinado programa ou porque é assim que funcionam as escolas. Seguindo uma ordem cronológica de aprendizagem, em letras, sons, palavras e sentenças, reforça a ideia de separar pré-requisitos para a alfabetização. Desta forma, supõe-se que o simples envolvimento com a linguagem escrita não seja o suficiente para o desenvolvimento da leitura e da escrita nos aprendizes. Os programas tentam, portanto, controlar o incontrolável, ou seja, promover uma aprendizagem em massa, sem conseguir prever e uniformizar o que poderíamos chamar de diversidade de aprendizagem.

A experiência com textos variados e de diferentes gêneros é fundamental para a constituição do ambiente de letramento. A escolha do material escrito, portanto, deve estar guiada pela necessidade de iniciar as crianças no contato com os diversos textos e de facilitar a observação de práticas sociais de leitura e escrita nas quais suas diferentes funções e características sejam consideradas. Nesse sentido, os textos de literatura geral e infantil, jornais, revistas, textos publicitários etc. são os modelos que se pode oferecer às crianças para que aprendam sobre a linguagem que se usa para escrever.

4 Produção Textual

Produzir textos é um processo que envolve diferentes etapas: planejar, escrever, revisar e reescrever. Esses comportamentos escritores são os conteúdos fundamentais da produção escrita e conseqüentemente na revisão textual.

4.1 Planejar

Antes da produção textual, é necessário preparar para escrever, ou seja, planejar o tema sobre o qual se vai escrever em que virá determinado pela atividade escolar que se insere a situação escrita. O professor, no entanto, se assegurará de ter proposto a seus

alunos modelos adequados que os orientem. Terá explicado, lido, mostrado e comentado textos semelhantes ao que lhes propõe escrever.

Curto, 2000, pg. 148, destaca que é importante o professor,

...estabelecer claramente a finalidade da escrita: para que se escreve? E o destinatário: para quem se escreve? E Quais são as características do texto trabalhado, onde se recomenda usar textos com valor social.

4.2 Escrever

Sendo assim, em relação a escrita, Anna Camps, 2006, pg. 17, ressalta que:

...mais recente é o interesse da escola pela compreensão e a produção de textos não-literários. A lingüística textual e as tentativas de estabelecer tipologias de textos baseadas em suas características estruturais e lingüísticas ofereceram instrumentos para se adentrar no ensino de textos de diferentes tipos, especialmente dos próprios dos entornos de aprendizagem das matérias do currículo.

Nota-se assim, que o uso de tipologias textuais é fundamental para escrever. Isso fará com que o aluno tenha mais embasamento para a elaboração coletiva dos conteúdos dos textos, pois escrever é construir mentalmente o texto, depois elaborar um pré-texto fazendo e refazendo o mesmo sempre que necessário, para que o aluno possa identificar suas dúvidas e buscar a ajuda e os recursos indispensáveis para resolvê-las.

Outro fator importante é que a construção do texto obedece a um planejamento mental e é orientada pelos objetivos e necessidades de expressão do autor, para provocar no leitor a interpretação desejada. Entretanto, Anna Camps ainda explica sobre o princípio máximo da interpretação do discurso: a alteridade. Assim, de acordo com essa característica própria do ser humano de ser outro e de colocar-se no lugar do outro, de tentar refazer seus percursos na escrita, e de ser único e dissociável de suas características próprias de ser vivente é que o texto pode, ou não, fazer sentido e ser transformado em informação apreensível, ou armazenável como conteúdo ou conhecimento.

4.3 Revisar

Após a escrita, vem a revisão. Ela não consiste em corrigir apenas erros ortográficos e gramaticais, como se fazia antes, mas cuidar para que o texto cumpra sua finalidade comunicativa. “Deve-se olhar para a produção dos estudantes e identificar o

que provoca estranhamento no leitor dentro dos usos sociais que ela terá”, explica Fernanda Liberali⁶.

Talvez, a explicação a seguir seja a mais apropriada para explicar o processo de escrita. De acordo com Koch (2000, p. 20), a atividade de produção textual,

pressupõe um sujeito – entidade psico-físico-social – que, em sua relação com o outro(s) sujeito(s), constrói o objeto-texto, levando em consideração em seu planejamento todos os fatores acima mencionados, combinando-os de acordo com suas necessidades e seus objetivos. O(s) outro(s) sujeito(s) implicado(s) nessa atividade – e no próprio discurso do parceiro, já que a alteridade é constitutiva da linguagem – pode(m) ou não atribuir sentido ao texto, aceitá-lo como coeso e/ou coerente, considerá-lo relevante para a situação de interlocução e/ou capaz de produzir nela alguma transformação.

Sendo assim, a revisão é uma atividade interativa, que faz parte do mesmo processo de construção de conhecimento e da própria atividade de aprendizagem. A correção inicia antes de escrever, continua durante o ato da escrita e é completada após ao revisar. Ela deve ser compartilhada pelo professor, pelo aluno e pelo grupo de alunos que escreve junto, que discute e melhora o escrito.

4.4 Reescrever

De início, um texto nem sempre fica correto. Então, após a avaliação e a correção, deve-se refazer, por várias vezes se for necessário, até ficar bem, pois em algumas ocasiões esse processo é imprescindível.

A reescrita é uma produção com apoio, uma versão pessoal de um texto fonte. Sobre isso, o PCN de Língua Portuguesa (1998, pg. 74-75) mostra algumas importantes colocações:

A constatação das dificuldades inerentes ao ato de escrever textos – dificuldades decorrentes da exigência de coordenar muitos aspectos ao mesmo tempo – requer a apresentação de propostas para os alunos iniciantes que, de certa forma, possam “eliminar” algumas delas, para que se concentrem em outras. É importante que essas situações sejam planejadas de tal forma que os alunos apenas se preocupem com as variáveis que o professor priorizou por se relacionarem com o desenvolvimento do conteúdo em questão. Por exemplo:

- Reescrever ou parafrasear bons textos já repertoriados mediante leitura;

⁶ Publicado na Revista Nova Escola Edição 219, ano 2009.

- [...] Dar o começo de um texto para os alunos continuarem (ou o fim, para que escrevam o início e o meio);
- Planejar coletivamente o texto (o enredo da história, por exemplo) para que depois cada aluno escreva a sua versão (ou que o façam em pares ou trios).

Sendo assim, a reescrita é fundamental. Ao reescrever há tempo para pensar nas estruturas sintáticas e modificá-las, se necessário. Há tempo para perceber que outra palavra fica melhor do que aquela que foi usada. Há tempo para perceber se o leitor não vai encontrar dificuldades para entender. Há tempo para observar se há palavras ou ideias repetidas, pode-se ver a ortografia. Enfim, a reescrita é crucial na produção de texto.

5 Revisão Textual

Mediante os passos desenvolvidos na produção textual, a revisão de texto atua como importante procedimento, no sentido de aprimorar a estética do discurso.

Um escritor proficiente, no entanto, não faz a revisão só no fim do trabalho. Durante a escrita, é comum reler o trecho já produzido e verificar se ele está adequado aos objetivos e às ideias que tinha intenção de comunicar – só então se planeja a continuação. E isso é feito por todo escritor profissional.

Estudos assinalam o papel da revisão, apontando que os bons escritores são precisamente aqueles que revisam e refazem o texto mais vezes.

A revisão como processo é afinal, um passo fundamental para conseguir de fato uma boa escrita. Nesse sentido, a maneira como o professor escreve e revisa no quadro-negro, por exemplo, pode colaborar para que a criança o tome como modelo e se familiarize com o procedimento. Sobre o assunto, Mirta Castedo⁷ escreve em sua tese de doutorado:

Os bons escritores adultos (...) são pessoas que pensam sobre o que vão escrever, colocam em palavras e voltam sobre o já produzido para julgar sua adequação. Mas, acima de tudo, não realizam as três ações (planejar, escrever e revisar) de maneira sucessiva: vão e voltam de umas a outras, desenvolvendo um complexo processo de transformação de seus conhecimentos em um texto.

As estratégias conscientes ou metacognitivas caracterizam o leitor maduro, pois derivam do controle e planejamento deliberado das atividades que levarão à

⁷ Especialista Argentina na Semana de Educação, no SESC Anchieta da capital paulista. Revista Nova Escola 2008.

compreensão. A criança também utiliza esse tipo de estratégia quando lê e, ao perceber um erro, se auto corrige.

Para Gibson e Levin (1975), leitura é um processo adaptativo de metas que o leitor se coloca. Um texto com palavras desconhecidas confere uma leitura difícil e se processa palavra por palavra; mas com a utilização do processo de revisão textual o aluno pode melhor compreender como se escreve e o significado do que se escreve.

O planejamento existe nos processos de leitura e escrita, mas na fala ele é muito mais rápido e espontâneo que na escrita, pois como afirmou Labov (1972), “correções podem ser feitas, re-começos, pausas. Na escrita, o planejamento é mais demorado, pois só o texto sem remendos e incorreções é que será registrado no papel”.

As crianças precisam se sentir seguras para tentar novamente, revivendo a experiência anterior e transformando-a a partir de suas tentativas. Neste sentido, afirma Morales (2006, p. 56), que o aluno deve sentir-se livre para errar e aprender com seu erro também na escola. Essa liberdade se traduz na ausência de angústia, de medo de errar. Este tipo de aprendizagem contribui para o crescimento pessoal, emocional ou cognitivo. É o que podemos chamar de experiência que gera conhecimento.

Então, após a avaliação e a correção, deve-se refazer por várias vezes se for necessário, até ficar bem, pois em algumas ocasiões esse processo é imprescindível.

7 Papel do professor nesse processo

As crianças que tem interlocutores no processo de produção e destinatários para os seus textos dedicam tempo a planejar e são capazes de revisar seus textos globalmente considerando a intenção com que escrevem e o significado com que querem transmitir. Para isso é necessário haver situações de ensino e aprendizagem com a ajuda do professor.

Os professores, no entanto, devem construir as concepções críticas sobre o que se quer analisar diante de um determinado texto com a premissa de não prejudicar ou desestimular aquele aluno que, com muito esforço conseguiu por suas palavras no papel.

O professor deve ajudar o aluno a desenvolver o que ele ainda não atingiu sozinho. Ângela Freire⁸ considera que o professor:

⁸ Publicado no Espaço Virtual Pedagógico: Teias de Conhecimento e Saberes.

É um mediador que orienta o aprendizado no sentido de adiantar o desenvolvimento do aluno, tornando-o ideal. O lugar do professor é essencial na infância, sua prática não se dá no improviso, tampouco é um ato inocente. Pelo contrário, tem uma intencionalidade, e, de modo consciente ou inconsciente, explícito ou implícito, é embasada por um corpo teórico-metodológico que reflete o modo de atuação, as crenças, os valores e a maneira de perceber e conceber o homem, a sociedade, a educação, a escola, o conhecimento, o currículo, o processo ensino e aprendizagem, a avaliação, o aluno, o professor. A intervenção pedagógica é determinante na construção de todo e qualquer conhecimento.

8 Produção e revisão textual: um estudo de caso

Essa pesquisa foi realizada, através de um estudo de caso, realizado em turmas de 1º e 2º ano, em uma escola da Rede Municipal de Anápolis.

A análise dos dados procurou identificar as dificuldades percebidas pelos educandos e educador no processo de aprendizado de produção e revisão textual.

Foram investigados o processo de aprendizado da leitura e escrita textual e a metodologia utilizada para esse processo.

Segundo Gil (2006, p. 185), alguns autores ressaltam que na análise, o pesquisador prende-se unicamente aos dados, ao passo que, na interpretação, ele procura um sentido mais amplo para os dados, por meio de sua ligação com outros conhecimentos já obtidos. Há quem compare a análise com a atividade artesanal e a interpretação com a atividade artística.

O professores questionam o desafio de ensinar alunos com vários níveis de leitura e escrita a escrever textos quanto revisarem o mesmo, acreditam que o preparo do professor é necessário. As aulas precisam ser preparadas de maneira diferenciada e o processo de aprendizado é mais lento, pois enquanto algumas crianças precisam ainda aprender a fixar cada letra do alfabeto, outras lêem e elaboram frases e conseguem organizá-las em um texto.

Partindo daí, os professores realizam algumas tarefas de ampliação da leitura. Estas tarefas seriam como comentários sobre o texto, nos quais se poderiam verificar aspectos de conteúdo (tema, narrativas e narradores, personagens, locais, etc) e aspectos estilísticos e literários (léxico, figuras literárias, repetições, onomatopéias, fórmulas de início e final, aspectos gramaticais evidentes, etc). Memorizações de fragmentos e canções, dramatizações dos contos e desenhos, também seriam ricas possibilidades de tarefas em sala de aula.

Para que tudo isso aconteça, entretanto, destaca-se novamente a necessidade de se trabalhar com textos significativos para os alunos, que sejam de seu interesse e que estejam em relação direta com os temas abordados em sala de aula. Pois só assim, dentro de textos ricos e estimulantes, as regras, normas e convenções da escrita ganhariam sentido, assim como só desta forma a literatura estaria, de fato, dando voz ao processo criador e imaginativo das crianças-leitoras-escritoras.

Percebe-se a necessidade de utilização de estímulos diferenciados, o que gera maior atividade extraclasse para os professores para a preparação de aulas. O quadro de giz se torna objeto dispensável para a educação destes alunos, exigindo do professor melhor preparação para trabalhar com outros instrumentos pedagógicos no processo de escrita e revisão textual.

Observando as aulas, percebe-se que é realizado um trabalho de preparação dos alunos, dentro da tipologia textual que é planejada mensalmente, apresentando a função do tipo de texto e para quem ele é escrito.

Os passos de preparação, a própria escrita na maioria das vezes são realizados coletivamente, em conseqüência a revisão textual também é realizada coletivamente.

Foram percebidas algumas situações de escrita em dupla, onde um dos alunos é o escritor e o outro o ajuda a formular frases, e como escrevê-las. Mas na maioria das vezes a revisão é coletiva, com a orientação do professor e participação oral de toda a turma. A reescrita acontece após a revisão textual e realizada individual, onde cada aluno reescreve o seu tendo base o texto revisado coletivamente.

A partir da constatação e das observações realizadas pode-se perceber que os educadores tratam o processo de alfabetização e do letramento dos alunos nas séries iniciais como um desafio constante. Foi constatado que é possível, através da organização e um trabalho constante do professor preparado, e seguindo as orientações dos autores estudados, conseguirem que a maioria dos alunos ao final de um ano letivo produzir um texto, dentro de uma tipologia trabalhada previamente e ao final realizar coletivamente ou com a ajuda do professor revisar o próprio texto, melhorando-o. Ao final reescrever, o texto tornando-o legível ao leitor, além de cumprir sua função social.

9 Considerações Finais

As teorias de aquisição e desenvolvimento da escrita e de tudo o que foi apresentado até o momento, conclui-se que, como a fala e a leitura, a escrita também é

um processo social, por que subentende um receptor ou destinatário. O escritor simula um diálogo, mas diferentemente da fala, o discurso proferido está registrado no papel e poderá ser retomado em toda a sua plenitude quantas vezes forem necessárias.

O aluno deve se tornar um leitor e autor de textos. Para tal, o educador deve disponibilizar textos, os mais diversos para leitura, deve propiciar um ambiente acolhedor e adequado ao ato de ler, na biblioteca, na sala de leitura, e na sala de aula. Isso faz com que o aluno possa sentir à vontade nestes espaços para que fique motivado a ler.

O educador deve trabalhar a leitura com o aluno, de modo que este se torne um leitor crítico e depois um autor crítico. Para tal, deverá oferecer todos os elementos citados acima. Essa prática permite a melhoria da capacidade de compreensão e expressão em situações de comunicação tanto oral quanto escrita.

A produção de texto parte sempre da leitura de outros textos, do reconhecimento de sua estrutura, do estabelecimento de contrastes, da identificação da ideologia pertinente ao texto.

O aluno deve tornar-se um escritor competente, capaz de produzir textos coerentes, coesos e eficazes, que se prestem à finalidade social desejada e necessária.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília - MEC/SEF. 1998

CURTO, L. M; MORILLO, M. M; TEIXIDÓ, M. M. Escrever e ler. Como as crianças aprendem e com o professor pode ensiná-las a escrever e a ler. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CAMPS, ANNA. Propostas didáticas para aprender a escrever. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GIBSON, E.; LEVIN, H. The psychology of reading. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social 5. ed. São Paulo:Atlas, 2006.

GOODMAN, K.S. Reading, writing, and weitten texts: a transacional sociopsycholinguistic view. In: RUDELL, R. B.; RUDELL, M. R.; SINGER, H.

(Ed.). Theoretical models and processes of reading. 4. Ed. Newark: International Reading Association, 1994.

GOUGH, P.B. One second of reading. In: KAVANACH, J. F.; MATINGLY, I. G. (Org). Language by ear by eye. Cambridge: The Mit Press, 1972.

KAUFMAN, A. M. Lecto-escrita inicial. Buenos Aires: Santillana, 1997.

KATO, M.A. No mundo da escrita, uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 2002.

KOCH, I. V. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto, 2000.

LABOV, W. Language in the inner city. Philadelphia: University of Pensilvania Press, 1972.

MORALES, P. A relação professor-aluno: o que é, como se faz. Trad. Gilmar Sanit'Clair Ribeiro. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

SMITH, F. Leitura significativa. Trad. Beatriz Affonso Neves. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOLÉ, I. Estratégias de leitura. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____. The schooling of literacy. In: STREET, Brian V: *Social literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education*. London: Longman, 1995b. p. 106–131. *Letramento no Brasil*, organizado por Vera Masagão Ribeiro. 2. ed. Texto de Magda Soares: *Letramento e Escolarização*. Global, 2004. p. 89–113.